FORA DO GUETO:
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA 1ª ONDA DO MOVIMENTO GAY NO BRASIL

OUT OF THE GUETTO:
THE PROCESS OF FORMATION THE 1st WAVE OF THE GAY MOVEMENT IN BRAZIL

Rhanielly Pereira [1]

Resumo: Este artigo tem por objetivo efetuar uma análise sobre o processo de datação da homossexualidade no Brasil. Especificamente do ano de 1870 ao início da década de 1980. Caracteriza-se, pois, um balanço histórico sobre a construção e formação de uma comunidade gay brasileira. Por último avaliar a nascente militância e organização política da primeira onda do movimento homossexual brasileiro.
Palavras-chave: Ditadura; Diversidade sexual; História.

Abstract: This article aims to analyze the process of datation of the homosexuality in Brazil. Specifically, from the year 1870 to the early 1980's. It is characterized by a historical balance about the construction and formation of a Brazilian gay community. Finally, to evaluate a nascent militancy and political organization of the Brazilian homosexual movement first wave.
Keywords: Dictatorship; History; Sexual Diversity.

1 – CONSTRUINDO O GUETO

Nas últimas décadas militantes e ativistas LGBT's tem conquistado espaços importantes na sociedade, bem como o cenário pós anos 2000 tem sido fortificado e reconhecido como o de avanços sociais. Todo este ambiente tem fruto na intensa militância de grupos marginais, sociais, como o movimento feminista, negro e LGBT. O texto, portanto, efetua um balanço histórico de um processo de formação da comunidade gay no Brasil, que é datado desde 1870.

Dessa forma, ter em vista como o movimento gay foi iniciado constitui uma formatação social que não só explica as bases da nossa sociedade, mas também revela problemáticas que tem perpassado e se reformulado no tempo. Como o subtítulo indica, a comunidade gay é na realidade uma soma de experiências em processos e ambientes de socialização e dessa maneira só se pode estudar

[1] Discente-pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.

a homossexualidade no Brasil partindo do pressuposto em identificar locais, ambientes possíveis para a interação destes sujeitos.

O cenário inicial, a primeira identificação sobre a homossexualidade no espaço público foi identificada num período que antecede a República. O fim do século XIX nos permite perceber como se construiu um gueto, um espaço comum de socialização entre os homossexuais. Segundo o autor James N. Green, um dos primeiros registros sobre a homossexualidade brasileira data dos anos de 1870 na cidade do Rio de Janeiro.

É bom que neste ponto se possibilite perceber que a cidade passava por um processo de reorganização do espaço urbano e os relatos que se tinham era de que:

> "A mudança forçada dos habitantes pobres de algumas áreas centrais e as fachadas arquitetônicas de influência francesa delineando a nova via pública principal da cidade, a Avenida Central (mais tarde rebatizada como Avenida Rio Branco), produziram um ambiente ainda mais prazeroso à elite carioca. Contudo, o plano de renovação não eliminou por completo as evidências de caos, pobreza e deterioração urbana consideradas impróprias pela alta sociedade carioca. A prostituição sobreviveu em algumas partes da área central. O crime continuou a ser uma ameaça àqueles que frequentavam as áreas recém restauradas do centro. Homens e mulheres pobres, especialmente negros, ainda mascateavam seus artigos nas ruas. E os homens que apreciavam relações sexuais com outros homens apegaram-se, obstinadamente aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar-se com os amigos. " (GREEN, 2000, p.53)

O registro só foi possível porque o administrador da Intendência Municipal, comunicou à Corte ter visto que a região passava por uma restauração e o novo público não começou a visitar o local por causa dos inúmeros homens que por ali passavam para buscar relações homoeróticas. Deste modo, o que se resolveu foi uma intensificação da patrulha policial da área - o que não solucionou o problema, visto que essas relações se davam dentro dos jardins e parques arborizados.

O registro nos interessa para perceber como se deu um processo de socialização dos homossexuais no período do Império, resume-se aí a configuração dos sujeitos daquela época. A busca pelo prazer associou-se de maneira costumeira à prostituição o que adiante em nosso texto será problematizado.

Esse quadro sobre a homossexualidade no Brasil vai continuar nesse ambiente de aumento de espaços de socialização e, ao mesmo tempo, em resposta, o Estado brasileiro construiu dinâmicas de repressão a esses espaços e sujeitos. Neste sentido, o cenário que se constrói é prioritariamente carregado por uma sociedade hegemonicamente cristã-católica tendo por sua base um código de leis severo.

Segundo o Código Criminal de 1870 o artigo 280 determinava que a prática de quaisquer ações que ofendessem a moral, fosse punida por prisão de dez a quarenta dias com multa sobre a metade do tempo em cárcere.

Já durante a República o cenário parece permanecer o mesmo, no que diz respeito aos aspectos de punição. O Código Penal de 1890 amplia a discriminação ao que chamavam de práticas sodomitas e, além disso, as prisões passariam a ser efetuadas de uma maneira indireta por meio do Artigo 282[2] que previa prisão aqueles que cometessem atentado público ao pudor e ainda o Artigo 373[3] que tornava o travestismo ilegal.

No entanto, se por um lado a repressão se configurou dinstitucionalizada e por outro a criação de um gueto gay começava a se configurar de uma maneira impar no Rio de Janeiro. Segundo Green a antiga praça Largo do Rossio naquele momento tinha criado uma ampliação de espaços de socialização:

> "Tanto os espaços públicos quanto as variadas opções de diversão ofereciam amplas oportunidades para que homossexuais pudessem se agregar a outros homens com afinidades sexuais e sociais. A meia dúzia de teatros a infinidade de bares, cabarés e as casas de espetáculos musicais populares também empregavam alguns desses homens como atores, dançarinos, cantores, garçons e funcionários para serviços diversos. Um local favorito para esse grupo era o Café Criterium, localizado do outro lado da rua em frente ao parque, "onde param atores e mocinhos de voz aflautada que usam pó de arroz e carmim" para socializar-se. " (GREEN, 2000, p. 60)

Como já era de se esperar esses espaços foram ampliados, com isso cada vez mais a circulação de pessoas instituiu formas e locais de socialização. No entanto, as décadas que se seguem, 1920 e 1930 serão fortemente marcadas pelo discurso médico que percebia as condições não heteronormativas como uma patologia humana. Há uma tentativa sistemática de medicalização das discussões sobre comportamento feminino e homossexualidade. Dessa maneira houve um aumento perceptível de material sobre o homossexualismo[4] de uma perspectiva médica.

No entanto, por mais que todos os discursos do Estado tentassem criminalizar a homossexualidade e tratá-la no pós 1920 como uma doença, o gueto gay crescera continuadamente e esta cena de busca por espaços gays é cada vez maior até meados da década de 1960. A partir desse período, há de fato uma atenção especial ao gueto gay visto que aquela imagem caricatural começa a mudar a passos lentos.

[2] O Artigo 282 do Código Penal previa a prisão de um a seis meses a aqueles sujeitos que de alguma forma apresentassem exibição ou algum ato obsceno.
[3] O Artigo 379 do Código Penal de 1890 previa a prisão de quinze a sessenta dias para aqueles que se travestissem ou para mulheres divorciadas que ainda utilizassem o nome do marido.
[4] Termo utilizado até a retirada da homossexualidade do rol de anormalidades e do catálogo de doenças, em 17 de maio de 1990, pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Chegado nesse ponto há de se fazer um balanço histórico. Como se percebeu, a presença da homossexualidade é datada desde o fim do Império e passa por um processo lento de construção de um gueto, de uma comunidade à procura de espaços de socialização. Ainda assim, como se percebe não há uma ramificação específica por organização político-social. O gueto gay até a década de 1970 se organizou dentro de um imaginário relacionado à prostituição e à chamada noite carioca.

2 –SAINDO DO GUETO

A década de 1960 é um período histórico de ebulição política e social no Brasil. O entrave da polarização mundial entre capitalismo e socialismo culmina no país com a instauração da ditadura civil-militar (1964-1985). Essa fase ditatorial do país permitiu que o Estado se organizasse de maneira mais eficiente e punisse o comportamento homossexual como sendo uma ofensa à moral e aos bons costumes.

Dessa maneira, pode-se dizer que a ditadura serviu como um mecanismo histórico para se efetuar com grande opressão toda a potencialidade de uma sociedade hegemonicamente cristã em defesa do capital. O comportamento homossexual então foi perseguido e a dinâmica social da década de 1930 parecia ter sido então reformulada. O atentado ao pudor foi largamente utilizado como mecanismo de higienização dos espaços do gueto e os espaços de socialização já no fim da década que haviam sido construídos durante a história eram agora policiados, fechados.

Segundo Benjamin Cowan o pensamento do Estado sobre a homossexualidade se apresentou da seguinte forma:

> "Quando, nos anos 1960, 1970, 1980, ideólogos conservadores planejadores da segurança nacional igualaram homossexualidade com subversão inimiga, recorreram a uma tradição reacionária já presente há décadas pelo menos desde o integralismo. Nos anos imediatamente depois do Golpe de 1964, ativistas direitistas de envergadura nacional condenaram a homossexualidade como manifestação da subversão; esta perspectiva também, nas principais instituições e publicações do próprio regime, onde teóricos e mesmo forças de segurança viam no desejo homossexual uma tática de guerra revolucionária (nome doutrinário que os teóricos da contrassubversão deram à espécie de guerra suspostamente criada pelos comunistas para destruir o Ocidente). " (COWAN, 2014, p.28-29)

O gueto gay neste momento passava por uma perda de espaços de socialização. Travestis eram perseguidas, pontos de prostituição eram extintos, saunas gays fechadas e cada vez mais havia menos lugar para homossexuais na sociedade brasileira. Seguindo essa doutrina de guerra à subversão o Ato Institucional 5 e a própria censura começa um movimento de retirada de homossexuais de todos os espaços públicos.

A publicação do AI-5 inaugurou um Estado cada vez mais autoritário a partir de 1968. Por outro lado, o ato institucional significou a resposta de uma pressão popular para o fim da ditadura. A chamada "Passeata dos Cem Mil" inaugura uma renovação da esquerda brasileira e é neste sentido que o questionamento sexual e de gênero aos poucos começará a aparecer no Brasil. E dessa maneira pressionou o governo que com seu autoritarismo reprimiu ainda mais a população.

A partir do início da década de 70 essa contestação cada vez mais clandestina, passou a burlar a censura da ditadura e um movimento de contestação gerou a construção de grupos como a Tropicália, Dzi Croquetes, Secos & Molhados. Todos possuíam em comum a crítica aos papeis do masculino e do feminino, a expressão de uma possível homossexualidade movimentou o país.

> "A apresentação de Caetano e Gil, usando batas femininas e beijando-se na boca no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, provocou discussões sobre um novo ser "andrógino". Em 1973, uma banda de rock despontou o cenário musical do Brasil – os Secos & Molhados. O grupo causou grande impacto e muita curiosidade não só pelos cabelos compridos dos seus integrantes, nem pela música, mas principalmente pelo visual andrógino e diferente que eles apresentavam. Outro grupo que serve para exemplificar a emergência no campo da arte de manifestações polêmicas a respeito das digramações de gênero, sexuais e comportamentais foi o Dzi Croquetes. " (RODRIGUES, 2014, p.88)

O movimento, no entanto, não pode ser visto como um despontar apenas da mentalidade dos artistas brasileiros. Segue-se a ele um movimento mundial amplamente conhecido como Revolução Sexual no qual tem como episódio simbólico o maio de 1968, quando jovens franceses se levantam com questionamentos acerca do trabalho, do comportamento humano, das relações de gênero e sexualidade. É nessa onda de mudança do imaginário que há a construção de uma nova identidade gay no Brasil.

Influenciados por toda essa linha de pensamento, o movimento feminista brasileiro e o movimento gay da década de 1970 cunharam uma nova identidade da nova esquerda brasileira. Neste contexto, em 1978 é fundado o jornal alternativo como mídia gay conhecido como Lampião da Esquina.

O jornal em si, marca a transição sobre todo o imaginário construído até o momento sobre a identidade gay. Dessa maneira o seu primeiro número é publicado em abril de 1978 na cidade do Rio de Janeiro e de maneira expressiva a nova mídia gay mostra para que veio em seu manifesto intitulado como "Saindo do gueto" traz o objetivo do jornal:

> "Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar aponta-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta; a vida de (possivelmente) milhões de pessoas. Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha da casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não

> quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem, que ele não é um eleito nem um maldito. Que sua preferência sexual deve ser dentro do contexto psicossocial da humanidade...” (Conselho Editorial, 1978, n.0, p.02)

Esse trecho é, na realidade, um resumo sobre o período inicial de enunciação de uma organização política da comunidade gay. É necessário ainda dizer que o próprio Lampião é o resultado de experiências anteriores de se ter uma mídia gay e alternativa brasileira. De tal sorte que desde a década de 1960 houve tentativas de manter um ou outro boletim sobre a vida gay na capital. No entanto, o Lampião é considerado um marco histórico por aliar à vida gay a militância dos primeiros grupos gays brasileiros.

O que se pode perceber é que há uma relação umbilical com a história do primeiro grupo gay brasileiro. O Grupo SOMOS, grupo de liberação homossexual. E o objetivo de ambos foi eminentemente reconstruir, ressignificar a identidade gay incentivando a ocupação de todos os espaços pelos sujeitos homossexuais.

> “Pode-se dizer que o lançamento do jornal, em abril de 1978, fortaleceu a ação de alguns rapazes de São Paulo que organizavam um grupo que se tornaria responsável por consolidar o movimento homossexual no Brasil – o Grupo Somos. “ (RODRIGUES, 2015, p. 90)

O jornal de certo modo tratou de denunciar as questões sobre a exploração e repressão da comunidade gay. E a partir dele a cena homossexual brasileira sofreu uma modificação drástica. As casas e os concursos de travestis aos poucos começaram a ser reabertos e isso pode ser evidenciado na própria documentação do jornal. Em seus primeiros números as propagandas eram raras, quase inexistentes, mas a partir do número 9 aparentemente os anúncios sobre saunas e boates começaram a aumentar.

Deste modo, o Lampião parecia registrar junto ao ativismo do grupo SOMOS um papel importante de denúncia e de resistência para a comunidade gay. O que pode ser confirmado amplamente na historiografia brasileira sobre o Lampião da Esquina é que a sua função assim como todas as outras mídias alternativas estava diretamente relacionada com a denúncia e o ativismo contra o ideal tradicional.

> “O *Lampião da Esquina* é o primeiro jornal a circular a nível nacional e de forma sistemática que fala sobre a questão da homossexualidade. Kucinski (2003) fala que havia, além da imprensa alternativa que lutava contra o discurso ideológico militar, “tinham os que eram mais voltados a crítica dos costumes e a ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe”, como foi o caso do *Lampião*. “ (COELHO, 2014, p.49)

É neste sentido que a organização editorial pensava o Lampião e talvez seja por isso que a formatação do próprio

jornal se destaque dentre os demais jornais que o antecederam. A intenção de ressignificar a identidade gay passou por uma série de denúncias da relação Estado e comunidade gay. O próprio jornal se dividia em sessões que dizem muito sobre essa nova identidade. Há em cada número partes dedicadas à cultura, literatura com as mais diversas resenhas, anunciação de peças de teatro entre outros espaços de socialização que cada vez mais em 1978 passou a ser novamente ocupado por sujeitos homossexuais.

O que nos remete ao fato de apontar aqui que a ditadura a partir de 1969 com a censura mais repressiva efetuou uma limpa nos jornais e em todas as mídias pessoas que fossem aparentemente gays ou que registrassem um debate sobre a homossexualidade. De tal modo, que o número piloto do próprio Lampião denunciava o julgamento de um jornalista que uma coluna que discutia abertamente a homossexualidade na década de 1970. Intitulada de " Demissões, processos, perseguições: Mas qual é o crime de Celso Curi".

A reportagem aponta a perseguição ao jornalista Celso Cúri bem como, apresenta a perda do direito ao trabalho e a condição réu em julgamento:

> "Celso Curi foi despedido da Ultima Hora; segundo consta o jornal passava por violenta crise financeira e reduziu o pessoal da redação. Coincidentemente, nessa mesma época noticiava-se a segunda audiência de um processo até então quase desconhecido: desde outubro de 1976 o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentava denúncia contra o autor da Coluna do Meio, como incurso no artigo 17 da Lei número 5.250 (Lei de Imprensa). " Artigo 17: Ofender a moral e os bons costumes. Pena: detenção de 3(três) meses a 1(um) ano e multa de 1(um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região". " (TREVISAN, 1978, p. 6)

Trazer a denúncia do processo de Celso Curi neste ponto e contexto político, significa explicitar o autoritarismo do regime ditatorial e a capacidade deste regime de retirar os direitos de acesso ao trabalho e de socialização dos sujeitos. É deste modo preciso perceber que o AI-5 mencionado anteriormente abriu precedentes para cada vez mais esse tipo de ação do Estado. Deste modo o Lampião além de formar, fomentou um processo de resistência da comunidade gay.

Para além da denúncia sobre a violência física e psicológica de vários sujeitos da comunidade gay, o Lampião também tratou de combater o discurso construído pelo imaginário social brasileiro.

A discussão sobre a homossexualidade em território nacional fora ao longo do tempo associada à marginalidade. Deste modo, o Lampião tratou de combater de frente as mídias que apresentavam essa relação de maneira naturalizada. O episódio que marca esse embate é mencionado no número 4 do jornal, quando Glauco Matoso escreve combatendo uma notícia intitulada "Homossexuais sequestram 2 irmãos em SP":

> "Com efeito, existe uma ideologia popular cristalizada por trás daquelas manchetes garrafais, a

> qual elas alimentam e fomentam. Isto é: bicha quando não é apenas doente é delinquente. Os homossexuais acabam visados em qualquer caso. Se são eles as vítimas, é bem feito. Se são eles os acusados, tanto pior. Ora, sobre essa mentalidade tão supersticiosa, que efeito podem ter notícias onde se enfatiza a homossexualidade da vítima quando vítima e do acusado quando acusado; onde se associa homossexualidade com crimes; onde se conclui que o homossexual é sinônimo de criminoso? Um efeito quase epidêmico, como um surto de cólera. " (MATOSO, 1978, p. 5)

O combate a esse discurso marginal está evidente em todas as publicações do jornal. E seguindo essa lógica de composição a resistência de um nascente movimento gay é que as relações entre o jornal e o Grupo SOMOS vão promover um amplo debate sobre a homossexualidade. Por último o Lampião se torna responsável para a afirmação de uma identidade gay, sendo esta a de escolha do próprio sujeito homossexual.

Contudo a capacidade de impacto do jornal não pode ser tão facilmente mensurada, mas é possível perceber um determinado sucesso do jornal pelo número de vendas. Jorge Caê Rodrigues, nesse ponto, nos informa em seu texto que no caso do número piloto, o Lampião havia feito uma tiragem de 10 mil exemplares e este número depois crescera para 15 mil.

Por último é necessário ainda destacar o Grupo SOMOS e o seu protagonismo pela busca de uma nova esquerda. E de uma maneira ou de outra, a história do primeiro grupo gay se confunde com a história do Lampião. Meses depois de ter sido publicado o número piloto do jornal o Grupo SOMOS surge em São Paulo e tem seu protagonismo reafirmado com a primeira reunião de discussão de gênero, sexualidade e etnicidade na USP. A relação é tão umbilical que neste dia, o corpo editorial do Lampião representava o jornal ao lado de membros do grupo.

Em março de 1979 essa reunião se torna o marco do grupo e da militância de primeira onda do movimento gay. Segundo o próprio jornal:

> "A oportunidade era boa demais para ser desperdiçada. Os estudantes da USP queriam saber o que os homossexuais, como grupo minoritário e discriminado estavam fazendo para sua emancipação. E assim durante três horas, cerda de 300 pessoas debateram o assunto com seis componentes da mesa: João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, representando Lampião da Esquina, três integrantes do grupo Somos, provavelmente a primeira tentativa de organização dos homossexuais de São Paulo em torno de seus objetivos comuns; e ainda o poeta homossexual proletário Roberto Piva, autor de diversos livros. " (DANTAS, 1979, p. 9)

Essa primeira demonstração pública do grupo viabilizou uma discussão mais ampla sobre a homossexualidade e dessa maneira o SOMOS passou aos poucos a aumentar. Dentro das ações ainda do grupo, temos

o "I Encontro Brasileiro de Homossexuais", realizado em 1980. Neste momento há uma expansão de grupos ativistas.

No entanto, a complexidade do período histórico e a formação de grupos homossexuais mais fortemente relacionados com a esquerda socialista da década de 1980 ampliaram um debate sobre a discussão da ditadura. Dessa maneira, houve uma polarização da discussão no grupo SOMOS e este se dissolveu a partir da criação de outros grupos. Fato que estava relacionado a participação ou não do grupo na macha do "1º de maio".

A relação entre a nova e a velha esquerda cada vez mais entrava em choque naquele período. A questão homossexual frente às questões de gênero - como uma segunda prioridade da esquerda - de uma certa maneira, provocou a polarização dentro do grupo. Mas o que se pode destacar é a participação e a ampliação dos espaços de socialização mais uma vez no Rio de Janeiro e São Paulo, aquele gueto gay começara a resistir e ressignificar.

O que se deve perceber sobre esta primeira onda gay é que:

> "No processo de abertura lenta, gradual e segura, o movimento LGBT surgiu e teve que inventar como atuar. No caminho, os ativistas não encontraram curdos para oferecer a sua solidariedade, como o conselho editorial do jornal Lampião da Esquina previa, mas criaram tradições de resistência, formas de luta e maneiras de organização que serviram como base para a construção do movimento LGBT brasileiro, que é hoje talvez o maior e mais dinâmico do mundo. " (GREEN, 2015, p. 197)

Deste modo, faz-se necessário destacar que a presença na marcha do dia dos trabalhadores foi feita por alguns dos participantes do grupo. No entanto, em 1983 o grupo encerra as suas atividades mas deixa um legado que ampliou um debate e inspirou novos grupos a compor a luta. Terminada a composição histórica da primeira onda faz-se necessário compor um balanço histórico sobre a formação dos movimentos gay.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a sexualidade e gênero nas últimas décadas tem aberto a possibilidade de repensar a memória da sociedade brasileira. A formação da comunidade gay no Brasil é histórica e segundo a historiografia remonta os fins do século XIX. Neste ponto é possível que existam registros para antes de 1870, mas a historiografia atual nos remete a esse período como o início dos registros da homossexualidade brasileira.

Vale ainda destacar, que a construção de uma identidade por vezes considerada marginal é a que possibilitou a existência e a persistência da socialização gay até a década de 1960. É necessário perceber que o processo histórico de formação do gueto homossexual é fruto incessante de criação de pontos em que estes sujeitos possam se relacionar sem a discriminação popular.

Neste ponto, o período de formação do gueto é também o período de construção de uma memória e imaginário sobre o grupo. E daí surge o período ditatorial

como um mecanismo de pulsão para a ressignificação da identidade gay. De uma maneira ou de outra, o período ditatorial com sua forte pressão teve a sua resposta com a organização de um movimento que persiste até hoje e que continua em busca da igualdade dos sujeitos sociais que possuam uma sexualidade não hegemônica.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO EDITORIAL. Saindo do Gueto. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.0, abr.1978, p.2.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no Regime Militar. In: GREEN, James (Org); QUINALHA, Renan (Org). *Ditadura e Homossexualidades*: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos, Editora Ufscar, 2014. p.27-52.

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, n.10, mar.1979, p. 9.

GOMES, Victor; LENA, Hélio. A construção autoritária do regime civil-militar no Brasil: Doutrina de Segurança Nacional e Atos Institucionais (1964-1969). *Opsis*. Catalão, v.14, n.1, jan/jun 2014, p.79-101.

GREEN, James. *Além do carnaval*: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MATOSO, Glauco. Não me espreme que eu sangro. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, n.4, set.1978, p. 4.

NETTO, José. Pequena história da ditadura brasileira. São Paulo, Editora Cortez, 2014.

RODRIGUES, Jorge. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James (Org); QUINALHA, Renan (Org). *Ditadura e Homossexualidades*: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos, Editora Ufscar, p. 83-124.

TREVISAN, José. Demissão, processo, perseguições: Mas qual é o crime de Celso Curi. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, n.0, abr.1978, p. 6.